

Kaká Werá

As comunidades indígenas têm sofrido com a desvalorização de sua cultura, provocando perda de identidade dos indígenas. A sociedade não-indígena também é marcada pelo desconhecimento de sua cultura ancestral. Kaká Werá cria o Instituto Arapoty para promover o ensino de valores humanos, consciência ecológica e respeito à diversidade cultural e espiritual. Com este trabalho, ele tem levado à sociedade todo o conhecimento indígena - cultura, tradição, educação, medicina tradicional - e resgatado a cultura das tribos indígenas e fortalecendo a auto-estima desta população.

A Pessoa

Kaká nasceu na cidade de São Paulo. Seus pais pertenciam às populações indígenas Kaitité (pai) e Krenak (mãe) e foram expulsos de Minas Gerais por fazendeiros que começaram a "escravizar" alguns indígenas. Chegam em São Paulo na década de 60 e vão morar numa região ao lado de uma aldeia guarani. Sua mãe faleceu quando Kaká tinha sete anos e o sonho de seu pai era que Kaká estudasse a língua e a cultura do branco para que nunca passasse pelas mesmas privações pelas quais tinha passado. Apesar de morar fora da aldeia, Kaká passou grande parte da infância e da adolescência dentro da tribo guarani, principalmente na época da colheita de palmito.

Em 1980, a terra dos guarani passou por um processo de remarcação, pois haviam sido doadas por uma família japonesa e a escritura não tinha sido passada. Nesta época, aos 16 anos, Kaká foi o intermediário nas negociações, pois era o único na tribo que podia se comunicar bem com a sociedade não-indígena. Em três anos, as terras foram reconhecidas como terras indígenas da União e incorporadas à terra guarani. Um ano mais tarde, Kaká perde seu pai e foi acolhido pelo pajé Werá, desta mesma tribo. Os jovens guarani não se interessavam mais pelo aprendizado da cultura, principalmente na medicina, e o Werá passou os ensinamentos para Kaká, que, em 1986, foi batizado nas tradições sagradas guarani e foi convidado a exercer as funções de pajé. Em 1993, Kaká foi com um indigenista conhecer parte de sua família na tribo Krenak, que vivia no estado do Tocantins. Lá exerce o papel de pajé e, depois de certo tempo, é batizado como um membro da tribo.

Na época da escola secundária, Kaká tinha forte envolvimento com o Movimento Estudantil e questões ecológicas. Ele era o único da tribo que estudava na escola e fazia a ponte entre o movimento estudantil e as questões ambientais das tribos da região. Criou um grupo ligado à causa indígena e, junto com outros índios, desenvolveu o projeto Ambarandu - que significa "templo do saber" - no qual propunham a criação de uma escola dentro da aldeia indígena que contemplasse a união de disciplinas da cultura indígena, não-indígena e agricultura. Foi uma idéia coletiva, que se opunha, já naquela época, ao sistema de dependência política da Funai, que não se interessou em apoiar uma proposta diferenciada. Por isso Kaká passa a buscar financiamento.

Entre 1987 e 1988, nasce a UNI (União das Nações Indígenas) para juntar as tribos e ter representatividade na Assembléia Constituinte. Infelizmente, a união não é bem sucedida. De 1988 a 1989, o grupo envolve-se novamente num debate para ter representatividade na Constituinte. Kaká era articulador entre as comunidades e as lideranças dentro das comissões. Ele trabalhou muito com a questão política, já que o Estatuto do Índio era extremamente atrasado.

Em 1988, Kaká recebe um convite de Paulo Freire e vai trabalhar como coordenador de projetos especiais para cultura indígena na prefeitura de São Paulo. Recebe apoio financeiro da Universidade de Berlim (Alemanha) e apoio metodológico da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica para instalar um centro de cultura na aldeia indígena. Dois centros foram construídos com apoio público e de universidades: o Centro de Cultura e o Centro de Agricultura. Em 1992, ficam prontos os prédios e começa-se a pensar na formação dos professores, que seriam indígenas e não-indígenas. Porém, este trabalho não aconteceu porque, em 1992 muda o governo da cidade e o novo prefeito, Paulo Maluf, não aceita uma proposta diferenciada, mas sim o modelo da Funai. Kaká decide sair da prefeitura.

Em 1994, Kaká cria o Instituto Arapoty, umas organizações indígenas independente do governo e da Funai, que tem como missão apoiar às reivindicações das lideranças indígenas no combate ao assistencialismo, fortalecendo os valores de cada cultura e criando a possibilidade de sustentabilidade. Nesta época, Kaká dedica-se ao estudo da fitoterapia (todas as terapias naturais), buscando integrá-la ao seu conhecimento indígena. Com o tempo, Kaká percebe que a história indígena sempre foi mal contada nas escolas. Assim, faz um aprofundamento sobre quais foram todos os processos históricos pelos quais os povos indígenas passaram, criando conteúdo para desenvolver um trabalho de “descatequização” (desmistificação) da cultura indígena. Publica três livros, sendo um deles adotado pelo Ministério da Educação para ser utilizado dentro das escolas e também passa a dar diversas palestras sobre o tema da cultura indígena.

A Nova Idéia

Em 1997, Kaká cria a Aldeia do Saber Sagrado (reprodução de uma tribo) na cidade de Itapeverica da Serra, próximo a São Paulo, com o objetivo de promover o saber indígena. Neste espaço, são realizadas atividades para crianças, jovens, terapeutas e índios, que tem a chance de conhecer a cultura indígena profundamente. Profissionais voluntários ligados ao Instituto Arapoty visitam as tribos da região para atender às necessidades emergenciais, fornecer conceitos básicos de saúde e reconhecer as lideranças locais. Essas lideranças participam de capacitações na Aldeia do Saber Sagrado, onde aprendem conceitos de saúde, medicina alternativa, produção de artesanato e outros produtos para geração de renda para tribo; e também se tornam responsáveis pela disseminação do aprendizado em suas aldeias.

A Aldeia do Saber Sagrado recebe crianças de escolas públicas e privadas que se aprofundam na história e cultura indígena, recebem aulas de educação ambiental e trabalham no reflorestamento da mata devastada. Os jovens que monitoram essas atividades também são capacitados pelos coordenadores da Aldeia e recebem uma ajuda financeira para este trabalho. A Aldeia do Saber Sagrado também recebe pessoas interessadas na medicina tradicional indígena, que participam de um curso sobre cultura e tradições indígenas e, depois, são capacitadas na utilização de plantas medicinais.

Kaká tem trabalhado na disseminação dessa cultura em nível nacional e internacional. No Brasil, suas atividades vão desde participações em seminários para estudantes, empresas e sociedade em geral. Internacionalmente, ele já iniciou o processo de comercialização dos produtos das tribos na Europa, através do conceito de comércio justo. Também vem desenvolvendo atividades em âmbito global para discutir e promover os princípios universais da cultura da paz, que transcendem a cultura indígena.

Kaká Werá é empreendedor social da Ashoka desde 2004.

A Estratégia

Kaká criou o projeto “De Aldeia em Aldeia”, que reúne voluntários para visitar aldeias indígenas quinzenalmente e prestar serviços mais emergenciais nas áreas de saúde, veterinária e reeducação ambiental, orientando a comunidade a pensar formas de se sustentar e preservar seus próprios ambientes. A partir de visitas, identifica-se quem são as lideranças locais que poderão ser responsáveis pela estimulação dos indígenas no processo de desenvolvimento da tribo. Essas lideranças recebem aperfeiçoamento na Aldeia do Saber Sagrado, participando de capacitações em gestões de comunidade indígena, fomentando cooperativas de artesanato, agro-ecologia, cooperativas de manejo de produtos enraizados em valores culturais. O trabalho com artesanato incentiva a produção da arte a partir de práticas ecologicamente corretas, valorizando os símbolos culturais de cada comunidade como forma de preservar a identidade cultural. O Instituto Arapoty também auxilia na revenda desses produtos para empresas e outras lojas.

Kaká também trabalha com educadores e alunos de escolas públicas e privadas. Por meio de uma parceria com a Secretaria do Meio Ambiente de Itapeverica foram criados cursos de educação ambiental e monitoria ecológica para 30 jovens. Estes recebem, na Aldeia do Saber Sagrado, crianças de escolas públicas e privadas para vivenciar o dia-a-dia de uma aldeia; conhecer as histórias e mitos da cultura tupi; participar de plantio e reconhecimento da Mata Atlântica; e promover a diversidade cultural. Entre os resultados obtidos estão: a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Itapeverica da Serra, o trabalho com 55 escolas públicas desta cidade e mais 20 escolas privadas de São Paulo. Cada escola faz duas visitas ao ano, que são marcadas na semana do meio ambiente e da cultura indígena. A sustentabilidade do programa é garantida pela cobrança de uma taxa para as escolas privadas, que financia a participação das públicas. Kaká sabe que este trabalho tem que ser continuado dentro das escolas e que, para isso, deve oferecer material de apoio para que os professores utilizem nas salas de aula. Assim, está trabalhando na produção de um material didático de apoio para fazer ligações entre o saber indígena e as matérias tradicionais, como matemática, geografia etc.

Ainda como forma de transformar a compreensão de diferentes grupos sobre o saber indígena, Kaká realiza cursos de fitoterapia (utilização de plantas medicinais para tratamento de doenças) destinados principalmente a profissionais da área de saúde (terapeutas, psicólogos, nutricionistas, médicos). Esses cursos abordam toda a cultura indígena, falando do respeito à natureza, preservação, vida em comunidade, poder da medicina natural (cultivo e utilização das plantas) e são realizados na Aldeia do Saber Sagrado uma vez por ano, com duração de oito meses (dois finais de semana por mês). Neste curso, já foram formadas duas turmas de 20 alunos cada. Atualmente, eles são a maior fonte de renda para manutenção da aldeia, porém ainda estão limitados pelo espaço. Kaká pretende, no médio prazo, oferecê-lo três vezes ao ano, à medida que contem com mais professores e melhor infra-estrutura local (alojamento, água, luz).

Em 2003, a Aldeia do Saber Sagrado recebeu 15.000 pessoas. Kaká pretende aumentar o espaço da Aldeia para ampliar o número de pessoas a serem beneficiadas pelo trabalho do Instituto. Kaká também está trabalhando na instalação da segunda Aldeia do Saber Sagrado em Minas Gerais, após dois anos de experiência do modelo de Itapeverica da Serra. Para isso, já conta com a parceria do Núcleo de Cultura Indígena, sediado em Minas Gerais e coordenado pelo também empreendedor social da Ashoka Ailton Krenak.

O Instituto também desenvolve o Projeto “Cultura Viva”, que realiza apresentações culturais e oficinas em escolas, congressos, seminários, empresas, com o objetivo de difundir valores culturais tradicionais e sensibilizar o público para a diversidade cultural. Há quatro anos, Kaká foi convidado para participar de um seminário da Unesco chamado “Educação Transformadora” (inspirado em Paulo Freire). A partir daí, formou-se um núcleo na França com objetivo de promover eventos para difundir a consciência de paz. Foram chamados especialistas indígenas e de diversas áreas para conversar com a população sobre o conceito de “Devir” (todos têm que pensar e agir agora pra causar resultados positivos no futuro). São seminários anuais para mais de 10 mil pessoas, organizado pelo Instituto Arapoty em parceria com a Fundacion Danielle Mitterand, da França.

Kaká também tem uma outra parceria importante com a empresa brasileira de cosméticos Natura, que é bastante reconhecida no Brasil pelo trabalho social que exerce, e que agora possui uma loja em Paris. Esta loja está sendo utilizada para vender os produtos artesanais das comunidades indígenas. Kaká também está trabalhando em um programa de intercâmbio com a Unesco, entre Europa e Brasil, para dar formação a jovens europeus sobre os princípios universais dos seres humanos, praticados pelos índios, mas que transcendem a cultura indígena. Em janeiro de 2004, a Aldeia do Saber Sagrado recebeu 15 jovens, que participaram de uma imersão para dialogar sobre esta cultura e se comprometeram a disseminar esses princípios.